http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/cartas-no-fim-do-mundo/

Cartas no fim do mundo: o que acontece quando encaramos os escombros?

Hayana Reis de Lima Freitas[1]

Lorena da Costa Wilpert[2]

RESUMO: Na condição de mulheres do fim do mundo, elaboramos um ensaio composto por correspondências cruzadas em torno de reflexões sobre o fim do mundo e da nossa relação intrínseca com outros seres não-humanos. Nos repetimos em espirais onde cada volta deu ênfase aos seres aliados e problemas que observamos no cotidiano. Sem o objetivo de propor soluções rápidas, estilo *fast food*, nos demoramos nas palavras. Em meio a trechos de cartas, perguntas e teias de aranha, nos comprometemos a permanecer no problema e observar se há outras maneiras de ser e estar no mundo. Sem conclusões, mas com algumas direções, olhamos para os lados ao invés de apenas encarar nosso reflexo diante do espelho, com isso; escrevemos este ensaio.

PALAVRAS-CHAVE: Antropoceno. Seres não humanos. Decomposição. Ruínas. Correspondências.

Cartas desde el fin del mundo: ¿qué pasa cuando miramos los escombros?

ABSTRACT OU RESUMEN: Como mujeres del fin del mundo, elaboramos un ensayo compuesto por correspondencias cruzadas en torno a reflexiones sobre el fin del mundo y nuestra relación intrínseca con otros seres no humanos. Nos repetimos en espirales donde cada vuelta ponía énfasis en los seres aliados y los problemas que observamos en el día a día. Sin el objetivo de proponer soluciones rápidas, al estilo de *fast food*, nos tardamos en las palabras. Entre fragmentos de cartas, preguntas y telarañas, nos comprometimos a permanecer en el problema y observar si hay otras formas de ser y estar en el mundo. Sin conclusiones, pero con algunas direcciones,

miramos a los lados en lugar de solo contemplar nuestro reflejo frente al espejo, con eso; escribimos este ensayo.

PALABRAS CLAVE: Antropoceno. Seres no humanos. Decomposición. Ruinas. Correspondencias.



Joguei do alto do terceiro andar
Quebrei a cara e me livrei do resto dessa vida
Na avenida, dura até o fim
Mulher do fim do mundo
Eu sou, eu vou até o fim
(Elza Soares, 2015)

O que acontece quando encaramos os escombros?

Em uma semana qualquer de março, no ano de 2020 + seis anos pós-pandemia, decidimos trocar cartas narrando observações que fizemos, atentas aos aliados cotidianos que nos cercam, que dividem conosco a experiência de habitar esse mundo durante o inferno global. Esse é um ensaio-carta, uma costura feita por agulhas biológicas defeituosas, que estão na mão de duas mulheres diplomadas em biologia, que saem correndo das formas de bolo quadradas que as ciências biológicas impõem, e se enxergam diante do fim do mundo. Logo, deixemos de lado qualquer noção de neutralidade e assepsia, diante do que vemos como corriqueiro. Em meio a muitas perguntas e poucas respostas, a decisão acordada foi ensaiar onde nossos olhos conseguem pousar.

Você, pessoa leitora, irá se deparar com fragmentos de carta a todo tempo, expostos com espaçamento simples e destacados em itálico, isso para que leia e, ao mesmo tempo consiga escutar, como vozes proferidas numa boa conversa de bar. Se quiser chamar isso de método, fique à vontade, mas aqui a nossa escrita provém da escuta, e não do status cu-o acadêmico.

“Não sei de certezas, então te ofereço o que há de mais sincero em mim, o que tenho guardado de mais valioso comigo, que são as dúvidas e as perguntas! Aqui não busco respostas, apenas movimentar esse caldeirão de ideias” – Lorena.

Podemos considerar que estamos no Antropoceno, no Capitaloceno, no Chthuluceno ou no fim do mundo-como-conhecemos, como você preferir. Essa encruzilhada é o nosso marcador temporal e existencial, que nasce do incômodo frente aos sinais inegáveis de que algo está errado. O rio da vida tem desaguado distante da percepção de que convivemos com outros seres o tempo todo. Na aposta de que é no encontro, na confluência e na diversidade que a vida na Terra acontece, insistimos em escrever, talvez, também por achar necessário ensaiar uma cooperação com outras formas de vida, de ser e de estar no mundo.

O céu está caindo, Davi Kopenawa (2023) cansou de alertar aos brancos que acabariam arrancando a vida do solo até as raízes do céu. Corram, corram! Parece que não conseguimos mais tentar ideias para adiar ainda mais o fim do mundo, junto de Ailton Krenak (2020). É hora de concluir, o diagnóstico é: o mundo está em decomposição, como uma árvore caída na floresta, começando a ser coberta por cogumelos, como um cadáver sendo comido por abutres. Dessa afirmação, nasce outro incômodo: o mundo está em decomposição ou nós que estamos? Tentando nivelar esse terreno, outra pergunta…

“Quem são, quais são nossos aliados nesse mundo em decomposição? Peguei a pergunta, a fiz de placa e botei na geladeira aqui de casa. Faz três dias que passo, fito a pergunta e penso: ‘são tantos, só é necessário prestar atenção’” – Hayana.

Ok, prestar atenção pode não ser tão fácil. Fomos tateando, vendo na prática que escutar é mais complexo que o processo físico-químico da captação de frequências de ondas sonoras. Essas ondas, que se reúnem, fazem uma batucada nos ossos internos do ouvido sendo, por fim, enviadas ao cérebro para que ele possa processar e decodificar tudo, mais rápido que 1 segundo. Mas será que queremos ouvir ou escutar? Bem, a palavra escutar, do latim *auscultāre*, no dicionário padrão significa ouvir atentamente. Das nossas tentativas de escuta: mudar o ângulo, ficar de cabeça para baixo, limpar os óculos, tirar os fones de ouvido, escutar vozes dos ventos em folhas, filtrar os ruídos da cidade em busca de sons que se perdem na mistura urbanizada, e por aí vai…

No campo da psicanálise, Freud (1912) diz da tal “atenção flutuante” que, em termos práticos, é a atenção desatenta que o analista deve ter para/com a narrativa daquele analisando, não sendo impregnado pelo discurso em si, mas sim pelo que ele esconde. Vamos pegar o termo emprestado

rapidinho, e já, já, o devolvemos. Sendo nós, além de tudo, educadoras atentas às diferenças, talvez seja mais propício usar o termo "atenção desorganizante", visto que nossa escuta não flutua, mas desorganiza, bagunça, cria um alvoroço, ao dar de cara com o não protagonismo humano dentro da Terra.

Às vezes parece que o delírio, causado pelo desígnio (ou maldição?) dos "seres dotados de razão", deixou nosso corpo embriagado. E se tal condição afetou permanente a nossa capacidade de olhar para o mundo? Estamos numa *bad trip* horrorosa. Lynn Margulis (2001) já anunciava que nós não somos especiais ou superiores, em comparação a qualquer outra forma de vida, apenas recentes em termos evolutivos. Inclusive, compartilhamos uma infinidade de genes com moscas, ratos, chimpanzés e vermes. Cada um de nós, talvez, seja meio que uma cidade ou bairro para os vários seres microscópicos que em nosso corpo encontram afago. Visto que somos a morada de milhares de células bacterianas, fúngicas e virais, talvez não sejamos tão exclusivamente humanos assim e nem tão especiais... Sentiu um sabor amargo na boca ao pensar que temos mais semelhanças que diferenças com outros seres vivos? Deve ser porque isso não condiz com o lugar de destaque destinado a nós nessa grande ficção antropocêntrica.

"Escuto e vejo muitos seres o tempo todo, por mais que eu viva esquecendo que eles existam, presa na falácia de que vivo apenas com outros seres humanos. Às vezes encaro esses outros seres que convivem comigo apenas como visitantes, invasores ou inquilinos. Às vezes esqueço que aqui nesse quintal, nesse tempo e nesse planeta, outras espécies já viviam aqui antes de mim" – Lorena.

A linha que nos separa do mundo é tão tênue, que está prestes a arrebentar. Na real, ela nem existe! Após o choque inicial, depois da queda, vem a negação e quem sabe em algum momento possamos encarar a sujeira que jogamos por tanto tempo debaixo do tapete. O mestre Nego Bispo (2023) nos provocou ao insinuar que o mundo desenvolvido, considerado modelo a ser seguido e replicado nos rincões do planeta, significa um mundo com menos envolvimento. Na contramão da homogeneização do mundo e das relações, insistimos que a vida acontece e se sustenta na cooperação e interação entre os seres, que são diversos por natureza, formando conexões que mais parecem emaranhado de teias resistentes, como às de uma aranha-de-jardim.

Lembremos do carrego colonial, conceito apontado por Rufino e Simas (2019, p. 20). A dimensão de carrego colonial é vivencial, permeia todos os corpos humanos, principalmente os racializados e esbarra diretamente em todos os não-humanos, podemos ver isso muito bem no Brasil. Uma das

dimensões desse carrego é a violência sintetizada pela desintegração do elo entre o humano e a natureza. A partir da compreensão de que tudo que tocamos têm a influência de um outro, precisamos concordar que somos um ecossistema, um grandíssimo ecossistema que caminha ancorado à um sistema colonial extremamente prejudicial. Ok, isso não é novidade, né? Esperamos que não, até porque os sintomas que o planeta apresenta estão por todo lugar! Mesmo nessa angústia, buscamos, assim como Donna Haraway (2023), ficar com o problema e ver no que dá.

Veja os noticiários sobre clima, doença e violência, desde que o mundo é divulgado, jamais se falou tanto em "tragédias", o top 5, vire-mexe, está envolvendo as questões climáticas e é incrível como nós, humanos, nos damos conta que somos parte somente nesses dias. Não, não temos como dominar a natureza! As estações do ano estão modificadas, os animais sendo extintos, a chuva vindo como correnteza ou deixando de vir por tempos inesperados, transformando em deserto o que antes era fonte de beleza. Olha, estamos o tempo inteiro em correlação com quem é vivo ou morto ou morto-vivo, nesse eterno jogo que somos obrigados a testemunhar. E falando em mortos, aí estão nossos aliados mais internos! O luto é radical e não o olhamos como fonte construtora de mundo dentro do ocidente. Nisso, iniciamos uma série de questionamentos: será que para viver nesse mundo teremos que elaborar um luto do planeta? Ou do sistema? Talvez lembrar da finitude da vida humana? E se para lidar com o luto do fim do mundo-como-conhecemos, seja necessário encarar de frente os corpos mortos que ficaram para trás ou embaixo de nós?

Veja bem, é importante também retomar outro sentido da morte e da decomposição, pois elas permitem a circularidade da vida! No universo em que habitamos, tudo nasce e depois morre, incluindo a estrela-mãe que aquece o nosso planeta. A morte é o denominador comum da experiência de todos os seres, sério, to-dos, ninguém escapa da morte, nem mesmo os decompositores. A decomposição é a chave para compreender as transformações que ocorrem na biosfera que habitamos. É, às vezes parece que estamos em um transe, que insiste em nos fazer quebrar esses e outros ciclos naturais. Em contrapartida, por aqui estamos tentando desfazer esse feitiço com um contra-feitiço. Com sorte, olhando para a morte, conseguimos compreender um pouco mais sobre a vida. E mesmo que por um instante, devolver a vida aos mortos, através da palavra, do corpo, da fala, da escrita e do encontro com a memória deles.

"A janela daqui do apartamento sempre faz barulho de vento batendo e isso me lembrou dos outros 'seres' não só não-humanos, mas também não vivos (...) Se a memória de mortos pode ser nossa aliada, nossos sentidos atravessados pelos elementos do mundo também são?" – Hayana.

Lélia Gonzalez (2020, p. 70) é psicanalista, conhece? Caso não, fica a dica. Ela expande as camadas do racismo e do sexismo dentro de nosso país e no momento, vamos ficar no trecho em que ela diz "consciência exclui o que memória inclui". Sobre o que está dado, porque vivemos em um regime desgraçado, encaixaremos a palavra "consciência", no que temos de nítido, como os boletos, os edifícios e as leis que só estão organizadas no papel. E com relação à "memória", aí permeia o oculto, o que está escondido, o inconsciente ou sabe-se lá o que quer voltar e continuar a ser repetido. A memória é interna, está nas frestas, parece o magma querendo sair, queimar tudo só depois de ressurgir. Nesse caminhar e habitar as tensões que compõem o passado, o presente e o futuro, entre a consciência e a memória, assim como Vinciane Despret (2023) queremos fazer um brinde aos mortos, dar mais existência a eles em nossas vidas.

Ao analisarmos os ecossistemas urbanos com a terra asfixiada pelo asfalto, poucos seres conseguem sobreviver ao calor e poluição, como acontece em muitas cidades. As moscas e os outros seres que consideramos desagradáveis, desimportantes e descartáveis estão adaptados ao mundo criado por mãos humanas, são testemunhas da política de morte que nos acompanha. O paradoxo que sustenta essa relação se dá porque, dentro dos limites dos novos ecossistemas artificiais construídos, eles ainda resistem às péssimas condições de existência que as grandes cidades oferecem. Bem, que *nós* oferecemos. Justo aqueles que encaramos como inimigos, que queremos longe, nos acompanham no fim do mundo. Será que nos incomodamos porque eles ainda estão vivos? E se eles tiverem pistas de como sobreviver nas ruínas desse mundo em decomposição? E se fossem nossos aliados? Será que eles sabem de algo que nós esquecemos?

Agora pense nas cidades que viram rios em dias de chuva.

"A primeira coisa que me passou foi falar contigo, da vontade de saber quem eram os rios antes de virarem valões. Esse valão, quem era? Duvido que antes fosse reto e duvido muito que não era sagrado para os indígenas que viviam por aqui. Mas o que me tirou boas gargalhadas foi olhar o nome das ruas na beira do valão: Av. Bem-te-vi, Rua dos curiós, das andorinhas, dos canários, dos azulões e das águias. As aves sempre mostram onde estão os rios" – Hayana.

Para o sucesso dos empreendimentos civilizatórios, além de corpos humanos, as vidas de outros seres também foram ceifadas, incluindo corpos hídricos. Estamos cercadas por rios mortos pensando na contaminação de suas águas, isso sem falar dos muitos que foram soterrados, uma prática ocidento-colonial cotidiana em grandes cidades. Você saberia dizer quem eram os rios antes de virarem valões? Entre ruas e avenidas, convivemos com a morte velada; todos os rios têm se tornado apenas corpos invisíveis e sem história. O historiador Luiz Antônio Simas (2025), diz que o contrário da vida não é a morte, e sim o esquecimento. Por isso, talvez o exercício de lembrar seja tão importante. Nesse lembrar, ainda achamos ruas com nomes de pássaros, nomes em tupi, nomes que saem do que temos como padrão no espaço, enfim, há que se olhar com atenção para esses nomes que contam histórias que nos levam a sair do porão.

Por fim, não temos a intenção de acabamento, esgotar as perguntas e oferecer conclusões, mas trazer um esboço de direções possíveis. O que podemos fazer é incentivar o uso de um binóculo ou uma lupa, para ver o mundo e olhar com atenção para o ecossistema que somos e que habitamos. Visto que é impossível fugir do fato de que compartilhamos a vida, o corpo e a moradia com outros seres, seja em uma colmeia sem biointeração, também chamada de apartamento, ou em uma casa com quintal em contato direto com a terra. Mesmo que o mundo opere a partir de uma lógica (que de lógica não tem nada) mercantilista e utilitária, que tenta nos convencer, a todo custo, que só tem valor aquilo que tem serventia imediata, devemos insistir em lembrar que todos os corpos são limitados ao mundo, esta grande bola azul chamada Terra. Chega do dualismo delirante, pois o concreto e a cerâmica que usamos, todos esses materiais possuem rachaduras em suas certezas, mas com sorte, nelas brotarão flores.

Nessa conversa, realizada em meio às brechas que encontramos nos escombros, tentamos questionar essa ruptura enfiada goela abaixo entre nós e a natureza. O fizemos por meio de um processo, uma experimentação/comunicação silenciosa, mas também um tanto barulhenta; nossas cartas. A escrita, enquanto ferramenta-fio condutor, não só nos lembra das aranhas-de-jardim, como nos faz aprender com elas, a maneira de criar teias para capturar alimento, matar nossa fome de mundo e criar conexões para ter onde morar. Sim, somos mulheres do fim do mundo, e apesar de todo *modus operandi* do nosso tempo, estamos aqui para dar as mãos à ideia de Ailton Krenak (2022), onde o futuro ancestral precisa vingar ou, pelo menos se vingar, a partir da recordação da memória coletiva, reconstruída em conjunto com outros seres que podem nos ajudar a tecer perguntas, respostas e caminhos em meio a tantas ruínas.

Ass. Lorena e Hayana.

Bibliografia

DESPRET, Vinciane. **Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 12, p. 121-133, 1912.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz- Companhia das Letras, 2020.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes do Chthluceno**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **O espírito da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MARGULIS, Lynn. **Planeta Simbiótico: Uma Nova Perspectiva da Evolução**. Tradução de Laura Neves. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** Ubu Editora, 2023.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio. **Aula "Pesquisa Narrativa Afrorreferenciada em Educação"**. Anotações de aula. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.

SOARES, Elza. **A Mulher do Fim do Mundo**. São Paulo: Selo Circus, 2015.

Recebido em: 14/04/2026

Aceito em: 14/05/2026

---

[1] Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Email: hayanafreitas@gmail.com

[2] Casa de Oswaldo Cruz (COC/FIOCRUZ). Email: lorenawilpert@gmail.com